

O 12º do mundo

RICARDO ALLAN
DA EQUIPE DO CORREIO

O Brasil deu um salto no clube das maiores economias do mundo: passou da 15ª posição no ranking para a 12ª, segundo levantamento da consultoria GRC Visão. Ontem, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou o valor do Produto Interno Bruto (PIB) do ano passado, o que confirmou a melhora da posição brasileira. O PIB, soma de todas as riquezas do país, ficou em R\$ 1,769 trilhão, o equivalente a US\$ 601 bilhões.

Os números consolidam o crescimento real de 5,2% da economia brasileira no ano passado em comparação com 2003, que teve um PIB de R\$ 1,556 trilhão – o aumento percentual já era conhecido. O governo comemorou o resultado, principalmente no que diz respeito à taxa de investimento, que foi de 19,6% do PIB, a maior desde 1998. O volume investido fechou o ano com expansão de 10,9%. Em 2003, houve uma retração de 5,1%.

“O valor do investimento é uma clara sinalização de que estamos criando condições para o crescimento sustentado a taxas elevadas. Quanto maior o volume investido, maior o ritmo de expansão potencial da economia”, disse ontem o secretário-adjunto do Ministério da Fazenda, Bernard Appy. Os investimentos agregaram R\$ 346,2 bilhões ao PIB no ano passado. Os números do IBGE mostraram, entretanto, que houve uma desaceleração no ritmo do investimento no último trimestre do ano passado.

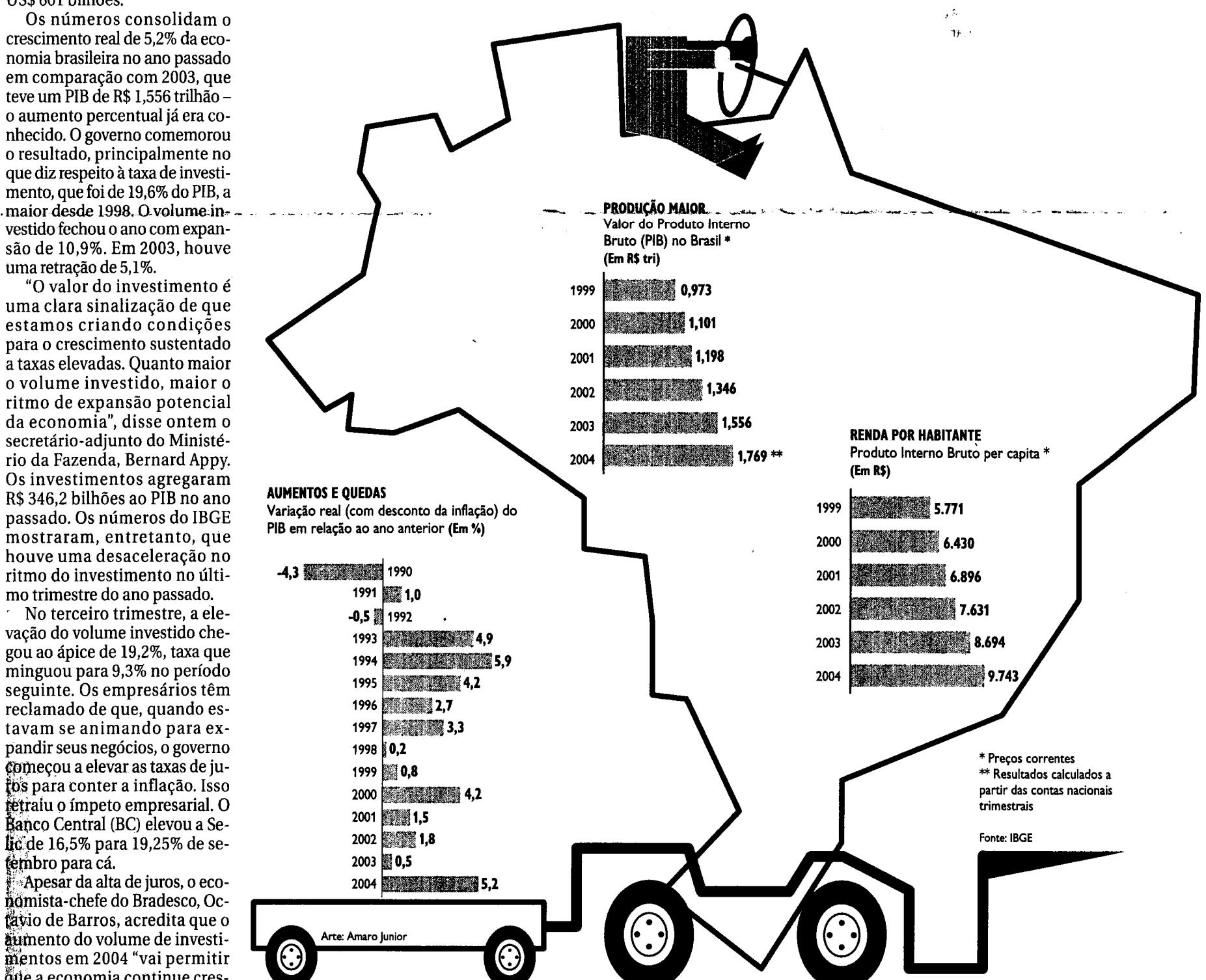
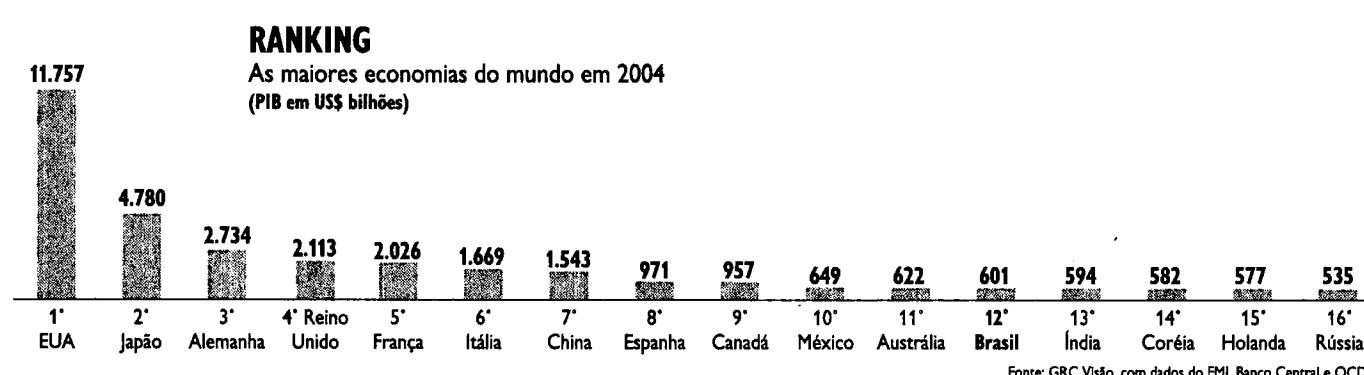
No terceiro trimestre, a elevação do volume investido chegou ao ápice de 19,2%, taxa que minguou para 9,3% no período seguinte. Os empresários têm reclamado de que, quando estavam se animando para expandir seus negócios, o governo começou a elevar as taxas de juros para conter a inflação. Isso retraiu o ímpeto empresarial. O Banco Central (BC) elevou a Selic de 16,5% para 19,25% de setembro para cá.

Apesar da alta de juros, o economista-chefe do Bradesco, Octávio de Barros, acredita que o aumento do volume de investimentos em 2004 “vai permitir que a economia continue crescendo daqui para frente de forma mais sustentável do que em anos passados”.

Câmbio

O crescimento econômico de 2004, o maior nos últimos dez anos, foi um dos fatores apontados pela GRC Visão para explicar a subida do Brasil no ranking das maiores economias do mundo. O outro foi a valorização de 4,8% do real frente ao dólar na média do ano passado em comparação com o ano anterior. O câmbio tem uma influência decisiva na lista porque, para efeitos de comparação, o PIB de cada país é convertido para o dólar.

O Brasil passou diversos anos numa invejada oitava maior economia do planeta, sustentada até 1998, quando o PIB foi equivalente a US\$ 790 bilhões. Na época, o real estava praticamente equiparado ao dólar. Em 1999, com a brutal desvalorização do



real, o PIB caiu para US\$ 536 bilhões. Em decorrência, o país despencou para a 15ª posição, só agora modificada.

“Os países que estão à nossa frente são economias maduras, com ótimas estruturas industriais, boas redes de infra-estrutura e serviços, além de taxas de juros mais condizentes com um ambiente propício para o crescimento econômico”, avaliou o diretor da GRC Visão, Alexandre Fischer. De acordo com sua previsão, o Brasil deve manter a mesma posição neste ano, o que já considera “bom”, visto que outros países em desenvolvimento estão crescendo, em média, a taxas superiores à brasileira.

O cenário básico montado para a economia pela consultoria, de expansão de 4%, inflação de 5,6% e desvalorização cambial de até 3%, garante a manutenção da 12ª posição. “Temos condições de melhorar nos próximos seis anos e ficar entre os dez primeiros. Mas isso vai depender de melhores condições para o investimento e melhoria na infra-estrutura e na logística de escoamento de produtos”, avaliou Fischer.

O economista destaca, também, a importância da redução dos juros a partir do segundo semestre para a retomada de um ritmo mais forte nos investimentos produtivos e em infra-estrutura. Fischer acredita numa elevação de 0,25 ponto percentual na Selic em abril e queda dentro de alguns meses. Para ele, o Brasil vai precisar também de tranquilidade e prosperidade nos outros países para consolidar o crescimento.

O bom ambiente externo tem ajudado as exportações brasileiras de produtos agrícolas e manufaturados nos últimos anos. Os números divulgados ontem pelo IBGE reforçaram uma tendência verificada desde 1999: a crescente participação da indústria e da agropecuária, em detrimento do setor de serviços, considerado o segmento mais dinâmico da economia. No período, a parcela da agropecuária no PIB cresceu de 8,3% para 10,1%, e a da indústria, de 35,6% para 38,9%.

Em sentido contrário, a fatia dos serviços caiu de 60,9% para 55,7%. “De 1995 a 1998, a valorização do real aumentou a renda em benefício de setores não comercializáveis, como os serviços. A partir de 1999, a depreciação do real fez exatamente o inverso, em benefício de setores produtores de bens comercializáveis exportáveis, como a indústria e a agropecuária”, explicou Octávio de Barros. Para Fischer, o volume de vendas de US\$ 100 bilhões anuais está “consolidado”.

RENDAS MELHORAS

Apesar do crescimento econômico, a renda per capita brasileira em 2004 permaneceu na mesma posição no ranking global, comparado ao ano anterior. O Brasil ainda amarga a 76ª colocação, com uma renda per capita de US\$ 3.330 mil, conforme levantamento da consultoria GRC Visão. Em 2004, a renda per capita cresceu 3,7%, para R\$ 9.743 mil. Os países com as três maiores rendas per capita são Luxemburgo (US\$ 66.279 mil), Noruega (US\$ 52.861 mil) e Suíça (US\$ 47.493 mil). O Brasil aparece na lista atrás de países como Botsuana, Turquia e Venezuela.